

Porto Alegre  São Paulo • 2019

o alforje

Tradução
Rubens Figueiredo



BAHIYYIH
NAKHJAVANI





Índice

Mapa

O Ladrão

A Noiva

O Líder

O Cambista

A Escrava

O Peregrino

O Sacerdote

O Dervixe

O Cadáver

Glossário

Sobre a autora

Créditos

O Ladrão



Havia um Ladrão que ganhava a vida roubando os peregrinos na estrada entre Meca e Medina. Era um Beduíno que havia nascido nas dunas e nunca teve pai. Os sacerdotes também eram estranhos para ele, que nunca deu importância ao profeta ou às suas leis. Como foi criado por várias mães, as quais tinham morrido, todas elas, antes que ele aprendesse a arte de bater carteiras, o Ladrão recebeu pouco amor e nenhuma instrução. Mas sempre fora livre.

Para o Beduíno, liberdade era o ar do deserto que ele respirava. Esse era o espaço aberto do possível, entre o conhecido e o negado, o espaço desabitado da expectativa entre fatos aparentes. Ele havia nascido com essa herança de vazio; era um legado que ganhara de graça. Ainda menino, sabia o valor daqueles sentidos que tinham de ser imaginados como reais. Porém, ele ainda precisava definir, por si mesmo, aquela liberdade.

Descobriu que os habitantes da cidade não confiavam em tal liberdade: temiam suas interpretações sem limites; tentavam controlar sua miríade de significados nas fronteiras dos desejos e muros humanos. O único lugar em que ele havia encontrado vestígios disso, em vilas abarrotadas de gente e em aldeias miseráveis, foi em jardins secretos onde árvores frutíferas vicejavam. A vastidão extensa da imaginação ainda florescia lá, onde a liberdade respirava, como a memória de uma flor de laranjeira. Mesmo ali, sozinho, um grão de liberdade podia germinar num espaço restrito. Mas não era o bastante para o Beduíno. Ele almejava as imensidões desimpedidas.

Era por isso que o deserto era a sua lei: pura como uma folha virgem de papel em branco, a liberdade inexplorada do deserto acenava para ele. Ali, conjeturar continuava a ser um direito de nascença, e a ausência

de provas era indício suficiente da imortalidade. Aquelas areias em movimento admitiam interpretações infinitas; aqueles morros e vales proporcionavam oportunidades sem fim para as suposições. E, embora tivesse ficado órfão muito jovem, ele nunca se sentira abandonado, pois o deserto sempre ecoou diversas vozes em sua cabeça. O deserto foi a mãe e o pai para ele, foi professor, amante e guia.

Apesar de analfabeto, o deserto fez dele, também, um erudito. Descobriu todos os tratados que se escondem nas tempestades de areais; leu mil poemas inscritos no horizonte vasto. Quando a alma estava sem máculas, como na aurora, ele era capaz de entender a linguagem da areia. Aos vinte anos, conhecia os caminhos secretos entre as fendas dos penhascos e conseguia ler charadas nas dunas em movimento. Analisava cada nuvem de poeira pela manhã e ao anoitecer, lia mensagens da lua em todas as suas fases e era capaz de reconhecer a voz de cada uma das estrelas. O vento era sua religião e o planeta Vênus era seu amor e ele tinha descoberto os sinais da vontade deles nas pedras e nos vales do deserto. Acima de tudo, sabia como se esconder, roubar e desaparecer nas valas da estrada, entre Jidá e as cidades gêmeas sagradas. E foi por essa razão que se juntara a um grupo de bandoleiros que o usaram como guia.

Era um passo curto, de bater carteiras para servir bandoleiros, da curiosidade para a cobiça. Desde a infância, o Beduíno havia espionado quem parava nos santuários à beira da estrada e entreouvido suas conversas perto dos poços, nas aldeias. Foi assim que descobriu os propósitos dos peregrinos, entendeu suas fraquezas e os emboscava pela estrada entre as cidades sagradas. Às vezes, os convencia a contratá-lo como guia especial. Mas a vida de um ladrão solitário era dura, pois os perigos do deserto residem menos nas areias movediças do que nos homens. Em troca de sua ajuda como guia, os bandoleiros ofereciam ao Beduíno proteção contra outros saqueadores e a segurança de não se ver acossado nas mãos de tribos selvagens. O líder deles precisava daquele rato do deserto para ajudá-lo a localizar e atacar as caravanas ricas antes que seus rivais o fizessem. E, até certo ponto, ele também precisava deles.

O bando de desalmados bandoleiros era violento e cruel, mais perigoso do que o Ladrão; todos aqueles homens tinham fugido para as dunas a fim de salvar suas vidas, ao passo que o Beduíno havia nascido lá. Alguns haviam assassinado homens e estavam prontos a matar outros; mantinham-se unidos pela tirania e, portanto, podiam opor-se a ela. E, como eram mais astutos do que ele, ajudavam o rapaz a

sobreviver, pois, como ladrão, não era grande coisa, aquele Beduíno.

Devia seu sustento menos aos peregrinos do que a certa capacidade de distinguir a piedade social da fé sincera. Sempre ganhou mais observando do que roubando. Quando menino, topou com um peregrino, prostrado nas areias, que continuou a meter o dedo no nariz tranquilamente durante suas orações, e a ironia lhe chamou tanto a atenção que, apesar da vulnerabilidade do homem, se esqueceu totalmente de seus bolsos promissores. Mal tinha idade para apalpar a hipotética barba, quando outro lhe fez uma proposta indecorosa no café e, em consequência de sua incredulidade, em vez de uma carteira gorda, levou umas chicotadas. Numa terceira ocasião, na mocidade, ficou tão espantado com a duplicidade de um homem que, enojado, fugiu daquele hipócrita devoto, sem recolher nenhuma simples moeda. Como a sinceridade é uma mercadoria rara, o Ladrão adquiriu um gosto especial por ela.

No entanto, não conseguia entender a religião dos peregrinos. Como todos os fanáticos, tendia a desdenhar as doutrinas deles como se fossem pura fantasia e preferir as próprias. Na maioria, eles se declaravam tementes a Deus e bons crentes, mas, aos olhos do Beduíno, pareciam devotar-se a uma entidade nula, na qual ele não conseguia reconhecer o Único, que o fazia ter calafrios de fervor à beira da areia movediça ou tremer de medo na borda de um abismo. O deus deles exigia gestos exteriores demais e pouco daquele terror interior pelo qual ele avaliava a presença do Divino. Alguns deles, como o homem vindo de terras estrangeiras com quem fizera amizade recentemente, escondiam motivos suspeitos e não confiáveis por baixo do manto da religião. Durante todos os anos em que foi ladrão, não encontrou muitos que dessem mais valor à sua fé do que à sua posição financeira. Como havia concluído que o deus deles não era o seu, não tinha nenhum escrúpulo de roubá-los.

No entanto, em função da indigência extrema, havia ocasiões em que ele também ficava tentado a abandonar sua filosofia de pés descalços e pedir esmolas, sob o disfarce da devoção. E foi dessa concessão terrível que os bandoleiros vieram salvá-lo. Encontraram-no pedindo esmolas na estrada para Meca e o humilharam com suas pragas, nas quais ele não sentiu haver nenhuma blasfêmia; fez, então, um trato com eles, a fim de manter uma aparência de liberdade. Abriu mão de sua solidão a fim de seguir sua fé. Sua opção de ficar com eles envolvia certa renúncia à liberdade, mas ele ainda era jovem o suficiente para acreditar que era livre. Aceitou a proteção deles, porque ainda não tinha provado o gosto

de todas as humilhações das concessões. Por causa desse contrato, ele se mantivera fiel a si mesmo até então. Fiel também a seus sonhos queridos. Seu objetivo na vida era se tornar rico como um príncipe do reino.

Caso revelasse aqueles sonhos, mostraria aos bandoleiros que aquele Ladrão não só carecia de perspicácia, como era um inocente excêntrico. No entanto, isso não ficou imediatamente claro. Seus olhos eram aguçados e penetrantes como os de um falcão, e tinham uma cor desconcertante: vazios para o céu azul, a fim de refletir o que pudesse ser visto no horizonte, e verdes quando voltava seu olhar para a face humana. Às vezes, tinham uma estranha coloração amarela, de que as pessoas se lembravam, mais tarde, com alarme. Seu nariz também parecia o bico de um falcão e sua pele era endurecida pelo sol e quase preta. O cabelo, prematuramente cinzento de poeira, era embolado em mechas e tufos andrajosos, e ficava preso na testa por uma bandana de um tecido que, no passado, tinha sido azul anil. Movia-se na velocidade da luz e mal deixava um traço atrás de si, pois não era alto nem pesado, mas pequeno, ágil, esguio e sutil. Era um homem selvagem.

Contudo, apesar dos olhos perturbadores e do nariz pontudo, apesar do aspecto primitivo e cruel, era um sonhador, esse Beduíno. Era um romântico. Às vezes, ouvia vozes. Falavam com ele no vento; sussurravam para ele nos redemoinhos de areia. O deserto estava repleto de vozes, e lhe diziam para nunca fazer concessões a ninguém, apenas servir às estrelas, à lua e ao sol. Eram as vozes da liberdade, e seu coração, com seus anseios, fazia eco ao que diziam. Os outros bandoleiros diziam que ele era um covarde, porque não se erguia e lutava contra outro homem: preferia dar as costas e correr. Só que não compreendiam que era assim porque ele amava sua liberdade de forma absoluta. Entretanto, escutava as vozes dos homens também, a fim de servir melhor aos bandoleiros. E, embora tapasse os ouvidos para as vozes na mesquita, ficava alerta para as vozes no mercado. Quando os peregrinos deixavam de lado seus livros de orações e falavam com sua própria voz, ele os seguia por todo o caminho, pelos becos tortuosos e pelos labirintos de muros altos de seus temores e esperanças. Pois aquelas vozes humanas refletiam as preocupações mundanas dos peregrinos e forneciam um mapa de seus anseios. Quando discutiam entre si, quando pechinchavam, quando se queixavam, ele conseguia decifrar a trilha que levava à riqueza ou à pobreza. Ele se tornara um ouvinte perspicaz e conseguia seguir as vozes dos homens, dos lábios até os bolsos.

Certa noite, depois de alguns anos a serviço dos bandoleiros, o Ladrão ouviu boatos numa estalagem de beira de estrada, sobre um mercador

rico e sua caravana, que iria passar nos próximos dias. Tão abundante era a riqueza das pérolas e das joias em sua carga, disseram eles, que seu brilho fazia o sol se pôr e esquecer-se de nascer outra vez. Tão carregadas estavam as mulas e os camelos de sua caravana que chegavam a entalhar uma trilha de ouro puro nos caminhos pedregosos. Ali havia prata que superava o brilho da lua, murmuravam eles, e toda a riqueza do oriente contida em poucos alforjes. Ali havia doces e especiarias próprias para um casamento ou para um velório! Segundo alguns, aquele mercador vinha de Shiraz e estava fazendo seu haje; segundo outros, era de Bushir e estava a caminho de Damasco a fim de cuidar de seus negócios. Todas as contradições sobre sua origem e as conjeturas sobre seu destino convergiam, no entanto, na convicção geral de que sua riqueza era vasta e digna de ser roubada.

Claro, já houvera muitos boatos desse tipo e muitos assaltos subsequentes ao longo dos anos. Nenhum se revelou de fato tão enriquecedor como o previsto. Mas o Ladrão sentiu que aquela era uma história diferente das demais. Por algum motivo, a atração daquele tesouro parecia mais sedutora do que antes; o mercador parecia mais rico do que qualquer outro; sua caravana parecia prometer mais opulência do que os bandoleiros jamais haviam sonhado. A ansiedade os deixava embriagados pelos próprios sonhos. E o Ladrão também dava rédea solta a seus sonhos.

Naquela noite, em volta de suas fogueiras no deserto, quando planejavam uma emboscada com seu guia, o líder chamou o Beduíno para ficar a seu lado. Diante dos demais, ele o abraçou e lhe deu para beber em sua caneca. Era uma honra sem precedentes. Iam dividir os bens roubados entre todos, como era o costume, mas daquela vez o Beduíno compreendeu que ele ia ganhar a maior fatia do bolo. A maior fatia, isto é, depois que o líder tivesse tirado o grosso do butim, que era sua cota pessoal. Era um sinal de que ele, o Ladrão, o Beduíno, o rato do deserto, estava se tornando um membro do bando. Os bandoleiros saudaram com prazer e, em segredo, cuspiram na areia a seus pés; saudaram em voz alta e trocaram olhares de lado, em que a inveja lutava contra a desconfiança. Os sorrisos apagados ocultavam resmungos de ciúmes e eles se remexeram, incomodados, como chacais em torno do fogo. Naquela honraria, havia algo de que não gostavam.

O líder os ignorou e bebeu à saúde do Beduíno, olhando fundo nos seus olhos enigmáticos. Beijou-o nas duas faces, à luz faiscante da fogueira, e abraçou-o apertado junto ao coração pela segunda vez. Tinha começado a amar aquele guia, com seu torso sinuoso e as pernas

semelhantes a cordas. Não se podia chamá-lo de homem propriamente, mas tinha espírito, ao contrário do resto dos chacais. Ele havia decidido promover o Beduíno, torná-lo seu favorito.

Dizia-se que cada beijo recebido do líder valia uma fortuna e também podia custar outra. Seus abraços tinham mais valor do que adagas com pedras preciosas incrustadas e eram igualmente perigosos. No passado, o Beduíno desejara muito aquelas distinções. Houve um tempo em que tais provas de amor e confiança teriam atiçado seu orgulho, tanto quanto a aventura o empolgava.

Mas algo tinha mudado. O que ele buscava agora? Qual era seu problema? Suas vozes estavam inquietas. Murmuravam para ele nas dunas solitárias. Sussurravam sobre as areias movediças que espreitavam entre os pés dos bandoleiros. No entanto, ele ainda amava seu líder. Ali estava a chance para se tornar seu verdadeiro irmão de sangue entre os demais. Não era isso que ele sempre quis? Quando o líder o abraçou, ele sentiu-se distante. “Fuja”, sussurravam as vozes, “antes que você perca sua liberdade e não possa nunca mais escapar!”. Deveria ele obedecer?

Ficou sentado ao lado do líder, observando como roía os ossos dos cordeiros e depois os atirava, um por um, para a escuridão, além da fogueira. O homem estava acostumado a tomar e possuir tudo o que desejava; tinha a opção entre três esposas em suas tendas naquela noite, e a mulher mais bela do último assalto. Ele observava como o líder lambia dos lábios a gordura dos ossos do cordeiro, palitava as fibras de carne entre os dentes, e sabia que mais paixões esperavam por ele sob a lua nua do deserto e que havia mais realizações no lânguido olhar da estrela Vênus do que nos sonhos de luxúria e poder do líder.

Examinou com atenção também o círculo de bandoleiros à sua volta, de caras ferozes sob as estrelas radiantes, e entendeu que suas almas já haviam sido tomadas e possuídas. Observou como eles se remexiam, inquietos, e chutavam a areia a seus pés, escutou suas risadas tristes como o ruído dos uivos noturnos à sua volta, sentia mais do que via, na penumbra escura, os ciúmes vorazes daqueles homens. E compreendeu que estavam acostumados a invejar aquilo que nunca poderiam ter e que sempre teriam ódio dele, porque ele nunca os invejaria. Seus sonhos eram diferentes. A lua nova subiu acima das dunas límpidas e o Beduíno leu seu destino no ângulo dos braços abertos da lua. A noite estava fria e o Beduíno tremia com a traição da brisa, que remexia seu cabelo. A lua trazia uma mensagem para ele; a brisa amarga, outra. A lua era sua advogada; a brisa, sua acusadora. A lua testemunhava que o contrato

tinha mudado, a hora tinha chegado. A brisa sussurrava que aquele momento havia muito tempo estava chegando e que os termos do contrato estavam vencidos.

Mas os bandoleiros ignoravam a mensagem na brisa pérfida, que agitava o ar da noite e obrigava todos eles a se enrolarem mais apertados em sua jelaba. Eles não se davam conta de que aquele Ladrão já não era mais o que tinha sido. A despeito de sua falta de astúcia, tinha aprendido que, como membro do bando, seus furtos continuariam sempre a ser mais minguados. A despeito de sua falta de experiência das coisas do mundo, não queria dividir com eles o butim. Os bandoleiros também tinham sentido muitas vezes aquela brisa amarga, só que não compreendiam a mensagem muito mais assustadora que ela lhes trazia naquela noite. Não sabiam que já fazia alguns meses que o Ladrão vinha acumulando economias depois de cada assalto e escondera suas moedas num lugar secreto, nos montes. Não sabiam que ele vinha esperando, com impaciência, a ocasião de separar-se deles e colher, sozinho, os frutos do roubo. Acima de tudo, não sabiam como ele se atormentava por ter de submeter-se à decisão do chefe sobre a quantia do butim que lhe cabia. Se eles fossem capazes de avaliar a natureza daquele trêmulo ar da noite, teriam compreendido que não era a maior fatia que o Beduíno queria. Era fatia nenhuma!

O próprio Ladrão ouviu a brisa traí-lo, embora seus companheiros não ouvissem. Também ouviu a lua defendê-lo, mas parecia que o líder não ouvia, embora ela falasse com eloquência a seu favor. A lua citava exemplos das estações passadas, apresentava provas claras da necessidade de renovação e renúncia. Insistia que, embora o trato original, quando ele era jovem, fosse trocar sua liberdade por proteção, agora como homem ele preferia a liberdade a qualquer preço. No exato momento em que mais se distinguia por seus serviços entre os bandoleiros, o Ladrão se tornara menos dependente deles. A lua nova era tão convincente em seus argumentos que de fato o líder, por um momento, ergueu o rosto na direção dela. Só que ele não estava escutando. Nem seus homens. Mesmo quando as estrelas apresentaram provas, uma por uma, ninguém pareceu consciente de que o tempo havia mudado, os termos do contrato tinham sido substituídos, tinham irrevogavelmente se modificado. Porém, nem a defesa nem a acusação podiam se equiparar à zombaria do deserto naquela noite. Nada podia competir com a vergonha do Beduíno em face da própria hipocrisia. Suas vozes riam dele, enquanto os bandoleiros erguiam as canecas e festejavam sua fortuna. Escarneciam dele, agachado no círculo da

fogueira crepitante. Um belo covarde, sussurravam as vozes em seu ouvido, caso permanecesse com os bandoleiros, só para se trair. Mais hipócrita do que qualquer peregrino!, caçoaram elas, mais mentiroso do que qualquer miragem! Se existia diferença entre o que ele sentia e o que fazia, que diferença haveria então entre ele e as pessoas que desprezava e roubava? Não seria ele até mais desprezível do que os peregrinos charlatães? No passado, quando ouvia o simples murmúrio de tal zombaria, fugia para o deserto a fim de se purgar da vergonha até poder voltar. Agora sabia que, se permanecesse entre os bandoleiros, não seria mais capaz de fugir, pois aquela aparência falsa se interporia entre ele e a lua, as estrelas, o vento e o sol.

Mas havia um motivo para ele não ter ainda abandonado os bandoleiros. Temia a vingança. Seus temores zumbiam dentro de sua cabeça como moscas no calor dos poços de água parada no pântano; emitiam gritos agudos de alerta, como os abutres que rodopiavam no alto. O líder tinha um insaciável apetite de vingança e era cruel com aqueles que julgasse traidores. O Beduíno sabia que, se fugisse, o líder iria caçá-lo e matá-lo. Não descansaria até conseguir fazer isso; não desviaria desse caminho. Sabia que, se fugisse, os bandoleiros iriam persegui-lo onde quer que ele se escondesse, iriam apunhalar o antigo guia pelas costas, cortar seu pescoço, sua língua e sua virilidade e iriam mergulhar as mãos em seu fígado e em seu coração. Eram sedentos de sangue e sua vingança era mortífera. Toda vez que pensava em fugir, as vozes dele sibilavam que fugiria rumo à própria morte.

Só havia um modo possível para resgatar sua liberdade e viver, pensava ele, e esse modo era ser rico como um príncipe do reino. Pensar dessa forma talvez fosse o maior sinal de sua ingenuidade. Parecia mais uma fé do que um pensamento de fato e tinha uma voz simples e ardorosa. Repleta da esperança do dia, ela se acumulava nos vales de seu coração como uma neblina da manhã, quando ele despertava de uma noite de sonhos tormentosos. Fresca como o orvalho, a ideia lhe falava com uma voz que prenunciava as bênçãos da alvorada. Garantia a ele que havia um modo de sair do dilema. Dizia que, se a sedução da riqueza roubada fosse grande o suficiente, se ele pudesse roubar o bastante só para si, se conseguisse subornar os bandoleiros para que o deixassem fugir, então não precisaria mais servir a ninguém. Se ele conseguisse ser rico como um príncipe do reino, poderia alcançar a liberdade absoluta que tanto desejava.

E agora parecia que a oportunidade estava em suas mãos. Desde que ele havia ganhado a confiança do líder e sido destacado como merecedor

de favores especiais, os bandoleiros não tinham mais razão para suspeitar de sua traição. Se a caravana estivesse tão abarrotada de ouro e pedras preciosas como tudo parecia indicar, talvez fosse a sua oportunidade de roubar o suficiente para comprar sua liberdade. Talvez pudesse se tornar tão rico quanto um príncipe do reino! Fascinado pela possibilidade, o Beduíno sucumbiu às suas vozes incansáveis. Naquela mesma noite, depois de ter servido fielmente aos bandoleiros por alguns anos e enfim ter obtido sua aceitação, depois de ter recebido um favor especial, acima de todos os demais, e avaliar a ponta da adaga do amor de seu líder, o Ladrão roubou seus mestres e desapareceu no deserto.



Durante todo o primeiro dia de sua liberdade, ele se esgueirou por um vale de dunas traiçoeiras à frente dos demais bandoleiros. “Se estiverem me seguindo”, pensou, “vou guiá-los rumo às areias movediças”. Mas não vinham atrás dele. No segundo dia, esperou numa passagem estreita perto da beirada de uma ravina profunda, bem escondido pelas pedras de uma montanha. “Se estiverem me seguindo agora, vou empurrá-los para o abismo, um por um, e fugir pela encosta do penhasco”, pensou. Mas não estava sendo seguido. No terceiro dia, topou com um poço solitário num trecho árido da estrada entre Meca e Medina. Era um local onde os peregrinos costumavam parar, pois nos velhos tempos tinha sido um santuário, agora em ruínas; um bom local para saquear a caravana desprevenida antes que ela chegasse à emboscada principal, que a aguardava mais à frente. Havia uma casa sem telhado, meio desmoronada, entre as rochas, onde ele podia se esconder ao lado de um velho poço seco; mas um poço novo brotava na estrada ali perto, tentando os viajantes a parar e beber até se fartarem. “Se me encontrarem aqui”, pensou o Beduíno, “vou descer para o fundo do velho poço e fugir pelas valas que levam ao poço novo”. Porém, eles não o encontraram. Talvez nem estivessem seguindo o Beduíno. E onde estava a caravana?

O Beduíno começou a sentir-se frustrado. Não passava nenhuma caravana abarrotada de riquezas e nenhuma tropa de bandoleiros itinerantes vinha em seu encalço. O Beduíno começou a ponderar fundo no coração. Começou até a questionar os boatos que tinha ouvido. E começou a temer, temer os passos à espreita que agora, pelo resto da

vida, ele estava condenado a ouvir, atrás de si, e temer a vingança do líder. Pior de tudo, começou a duvidar de suas vozes. Durante as horas longas e quentes do terceiro dia, ele remoeu em pensamentos a maneira como seus companheiros haviam inventado os rumores sobre o rico mercador e sua caravana só para iludi-lo, e como o líder dos bandoleiros tinha feito suas promessas só para enganá-lo. E como todos haviam planejado sua morte, porque não tinham mais necessidade dele. Começou a duvidar do deserto, que havia lhe dito para se esconder naquele vale desolado, entre os penhascos altos e o santuário em ruínas. Não deveria ter ficado talvez no caravançará, um farsang antes? Lá pelo menos ele poderia conferir de novo a veracidade dos boatos. Mas também lá correria o risco de se encontrar com os bandoleiros. Ou teria sido melhor ficar mais perto da emboscada deles? À medida que o sol baixava indiferente no céu ocidental, o coração do Ladrão se tornava tão seco quanto a poeira em seus lábios, e as areias ofuscavam seus olhos amarelados. Naquela noite, ele não recebeu a visita das formosuras da estrela da noite, enquanto aguardava, com frio e câibras, perto do poço. Foi cortejado pelo espectro do desespero.

Por fim, na quarta aurora, quando estava à beira de desistir, avistou algo que se aproximava, vindo da direção da cidade sagrada. Algo como um aceno do horizonte distante, um encontro marcado com o nascer do sol. No início, pouco podia enxergar. Depois, as imagens nebulosas do início da manhã desvelaram seu significado e ele distinguiu, aos poucos, três vultos que se aproximavam. Três notas soaram contra o silêncio, o chamado da alvorada iminente. Os vultos cintilaram, acenaram, velaram-se e depois emergiram afinal: três homens no horizonte remoto.

Era uma linguagem diferente da que ele fora induzido a esperar. Pouco tinha a ver com a grande caravana que tinha esperança de avistar, mas ele se escondeu às pressas nas ruínas junto ao poço e aguardou, contando as pulsações na garganta. Quando os vultos se aproximaram e se destacaram da névoa trêmula, distinguiu que um dos três viajantes era um jovem em trajes de peregrino, montado num camelo. O outro era um jovem que vinha puxando a rédea do camelo e caminhava como se estivesse à frente de uma pessoa de grande importância. O terceiro era um escravo negro.

Não havia nenhum séquito nem caravana opulenta, mas os raios do sol nascente douravam as tiras de couro de um gordo alforje sobre o dorso do camelo e o olho aguçado do Ladrão identificou uma pérola oriental pendente na orelha esquerda do escravo. Não havia nenhum séquito e nenhuma caravana opulenta, mas ele ficou impressionado com

os sinais de acentuada deferência que o jovem demonstrava pelo peregrino montado no camelo, um jovem cuja nobreza de atitude era perceptível mesmo àquela distância. Não havia nenhum séquito e nenhuma caravana opulenta, mas — “lá vem um jovem e pomposo alcoviteiro em sua peregrinação”, pensou o Ladrão, “lá vem um charlatão rico, disfarçado para parecer pobre como eu e se esquivar da atenção. Se este meu olho merece alguma confiança, lá vem um príncipezinho hipócrita e esperto que pôs toda sua fortuna num único alforje. Mas ele não consegue me enganar! Deve ser um mercador!”.

Estava na hora das preces da manhã e, quando as esperanças do Beduíno renasceram, ele ergueu para o céu os olhos castanho-claros. Vênus cintilava como um beijo prolongado no horizonte de veludo, e o coração do Ladrão cantou de desejo. Pensou que a sua senhora, a Fortuna, o havia abandonado, mas será que ela ainda o amava? Ele soprou uma invocação dirigida a ela, pediu que seu mercador fosse um devoto e, com todo o coração, quis que ele parasse ali, e então, à medida que o camelo ia chegando mais perto, seus olhos foram se tornando verdes como o turbante na cabeça do jovem. A maioria das pessoas tinha esquecido o significado do santuário em ruínas quando o antigo poço secou, e também poucos sabiam do poço recém-aberto. Porém, como era o primeiro dia do Moharram, o mês sagrado do luto, quem sabe aqueles peregrinos não queriam rezar? Se eles se orgulhavam de suas devoções, talvez parassem ali e descobrissem a água fresca.

Como que por um lance de sorte, o mercador parou a fim de fazer suas abluções. Em sua alegria, pareceu ao beduíno que o poço transbordava de vozes jubilosas que gritavam contentamento. O entusiasmo do Ladrão foi tamanho que quase desejava que os viajantes se virassem e o vissem. Mas não fizeram isso. Enquanto o escravo negro descarregava o camelo, seu mestre desmontava e se aproximava do poço. Lavou o rosto e as mãos na cantante alegria das águas e se pôs de joelhos para rezar, sob o olhar do jovem. Depois de rezar, colocou o alforje no chão, ao seu lado.

O Ladrão olhou para aquilo com cobiça, seu corpo tenso como uma mola. Até aí, tudo bem. O peregrino era devoto, pelo menos nas palavras. Se for devoto nos atos, pensou ele, será ainda melhor para a condição de sua alma. Tudo dependia da combinação perfeita das preces do mercador com sua própria discrição sutil. “Que eu pise bem de leve e que ele reze até apagar!”, pensou o Ladrão. “Quem sabe aquele alforje seja capaz de ofuscar o sol?”. Parecia bastante fornido e bastante pesado; sua voz era grossa e zumbia mistérios. Se a sorte do Ladrão persistisse, quem sabe o alforje acabaria passando para suas mãos? “Agora”, pensou ele,

dirigindo-se ironicamente à suspeita divindade dos peregrinos, que ele tinha aprendido a desprezar, “agora, que o deus falso deles se mostre verdadeiro, pelo menos uma vez, e me transforme num teste para a devoção dessa gente”.

Esperou que os três viajantes se prosternassem antes de sair de seu esconderijo, sorrateiro como uma serpente. Em segundos, já havia se apoderado do alforje e começado a correr.

O mercador estava absorto em seus cânticos e preces e parecia não ter a menor consciência do furto, mas o jovem ficou distraído por um momento. “Uh!”, pensou o Beduíno, enquanto as areias escaldavam as solas dos pés, “é isso que você ganha por sua devoção, meu velho!”. Estava exultante com o peso do alforje. Mas sua ação já havia levado o escravo negro a erguer-se de um salto e disparar em sua direção. “Ah!”, pensou o Beduíno, enquanto se esgueirava entre eles como um sussurro do vento, “As preces do escravo são menos devotas!”. Mas seu coração batia com temor, e a respiração quente de seu perseguidor alcançava seus ombros. Nesse exato momento, o mercador, que ainda entoava suas preces, ergueu a mão em sinal de alerta. Sua voz nunca vacilava, seu cântico nunca se alterava e seus olhos continuavam fechados, mas ele ergueu a mão e acenou, chamando o servo de volta.

O Beduíno viu o gesto pelo canto dos olhos. Foi tão peremptório, tão impositivo, que se sentiu compelido a obedecer, mesmo a contragosto. Sentiu as pernas pesadas, os pés mais vagarosos. “Não corra!”, sussurraram suas vozes, traiçoeiras. “Nem pense em tentar correr! Liberdade é obediência!”. Ele quase deixou o alforje cair.

Como foi que aconteceu? Quem podia comandar suas vozes? O Ladrão ficou meio estupefato. As areias zombavam dele; as dunas movediças riam dele sem coração; o elevado penhasco, no alto, lançou um grito de escárnio que abalou os degradados alicerces de sua confiança. Só à custa da maior força de vontade ele conseguiu obrigar os próprios pés a continuarem em movimento. “As preces desse homem são as mais fortes que existem”, murmurou consigo, “se conseguem dominar minhas vozes!”. Ficou apavorado. Sabia que, a qualquer momento, o escravo poderia alcançá-lo e pôr as mãos nele, mas, para seu espanto, o homem de repente parou de persegui-lo. Tinha obedecido! O jovem também retomou suas devoções, como se nada tivesse acontecido. E as preces prosseguiram.

O Beduíno relaxou o passo por uma fração de segundo a fim de espiar por cima do ombro, incrédulo. Os três estavam prostrados na areia. O jovem tinha baixado a cabeça e movia os lábios em silêncio agora, de

olhos fechados. O servo tinha se estirado no chão, os longos dedos negros esticados sobre a areia, à frente da cabeça nua. O mercador, que não interrompera nem por um instante seus cânticos melodiosos, tinha chegado, naquele momento, a uma invocação. Voltou o rosto para o alto, num arroubo de devoção, e levantou as palmas das mãos em oração. Chamava o nome do Ordenador, do Todo-Poderoso. Chamava Deus, o Que Perdoa os Pecadores, o Mais Misericordioso.

As belas palavras pareceram subir como o frescor da água pura se eleva da terra esturricada. As palavras se alçaram como um jorro de água na nascente do vasto horizonte. Elas inundaram as dunas do início da manhã com a luz límpida da aurora. O rosto do mercador, enquanto murmurava a invocação sagrada, era iluminado pelo sol nascente. Brilhava tanto que o Beduíno se viu forçado a desviar os olhos, ofuscado. Sentiu um familiar tremor de estarrecimento percorrer seu ser, um tremor que lhe falou de poderes inomináveis, que lhe falou de presenças infinitas. Sentiu um terror que lhe disse que aquela era a voz do Único, aquele que comandava suas vozes. E se virou e fugiu.

Correu como uma pedra lançada a distância, correu rumo ao alto penhasco, no outro lado da ravina, enquanto a mente reverberava, os pés bambos por efeito das irregularidades das pedras e do medo. Estava confuso. Bastaram poucos segundos para ele questionar tudo em sua vida, para se dar conta da futilidade de seu passado e da pobreza de seus sonhos de futuro. O som das preces matinais o seguia como um dedo de luz, enquanto ele fugia para os contrafortes das montanhas, ao longo das bordas sombreadas de suas próprias trilhas secretas, abraçando o alforje junto ao coração palpitante.



Quando estava fora do alcance dos olhos e dos ouvidos dos outros, começou a balbuciar consigo mesmo de forma incoerente. Sem dúvida, estavam loucos, aqueles peregrinos! Não interrompiam suas preces confusas nem mesmo para ir atrás dele! Acossado por um pânico ao qual não conseguia dar nome, começou a rir histericamente, enquanto abria caminho pela ravina, escondendo-se atrás dos morros, e desatou a chorar em desespero enquanto galgava a encosta escarpada dos rochedos salientes, no outro lado. As sombras embaixo do penhasco elevado eram ameaçadoras e sussurravam alertas para ele, mas aquilo

não era nada em comparação com o terror sem nome que assediava seus calcanhares. Ele se atirou rumo à encosta quase vertical e começou a escalar para o ponto mais alto, com uma diabólica sensação de urgência. Tinha amarrado o alforje nas costas a fim de se desvencilhar da sensação de mau agouro que o apossava, mas não era possível se desvencilhar. Embora pudesse ver, do outro lado do vale, perto do poço, que os três viajantes não haviam saído de seu local de orações, ele ainda se sentia perseguido. Eles tinham deixado que ele fosse embora e, mesmo assim, tinha a sensação de que havia sido capturado para sempre.

O que o deixava instigado era o fato do peregrino ter deixado que ele roubasse. Tinha roubado o alforje, porque o mercador havia deixado. O mercador tinha lhe dado aquela liberdade, ele não a havia tomado para si, como algo que era seu de direito. A diferença era imensurável e todo o seu mundo desmoronou no abismo que se abriu entre uma coisa e outra. Não era isso, nem de longe, o que ele pretendia quando fugiu correndo dos bandoleiros, quando escapou do líder e da sua “fatia do bolo”. Ele não queria fatia nenhuma; mas não tinha acabado de receber uma? Não tinha imaginado essa possibilidade, mas não seria aquela uma nova opção, mais uma alternativa? “Aquele mercador lhe deu sua bênção”, murmuraram suas vozes, de forma insidiosa. “Foram as preces dele que permitiram que você escapasse; talvez tenha sido até a vontade dele que você pudesse roubar! Que tipo de liberdade é essa?”. Balançou a cabeça para se livrar do falatório perturbador lá dentro. Aquilo o levaria à loucura. A vasta passagem que se abria em sua mente ameaçava romper os confins da sanidade.

— O homem deve ser um lunático — gritou para os rochedos atentos.
— E seus companheiros, uns tolos.

— Tolo! — replicaram os rochedos, em tom de zombaria. E o eco o fez tremer tanto que quase perdeu a pegada da mão e se viu obrigado a ficar parado um momento, seguro na rocha nua da escarpa, para não se desprender e cair. Teria ele posto à prova a devoção do mercador ou a sua própria devoção é que foi testada? Não seria ele mais tolo ainda, por imaginar que podia roubar aquilo que era dado de graça? A ideia lhe deu tal vertigem que ele sabia que ia acabar caindo de fato se olhasse para baixo. Por isso, continuou a subir.

Mas o milagre de tudo aquilo, pouco a pouco, à medida que galgava mais alto, se tornou quente em suas costas. Seu alegre ânimo animal retornou, à medida que o sol subia. Se lhe deram permissão para roubar, ora, danem-se as consequências! Não era ele, afinal, o demônio mais sortudo no mundo dos vivos? Ainda que lhe tivessem garantido apenas

uma parcela, sem dúvida era mais do que o quinhão que recebera entre os bandoleiros. Ainda que tivesse comprovado que as preces do peregrino eram verdadeiras e ele mesmo é que estivesse errado, não estava ele livre afinal? À medida que escalava rumo às trilhas mais seguras no meio da encosta do penhasco, começou a rir alto de sua boa sorte, da loucura dos peregrinos e da inteligência curta dos bandoleiros. O butim estava ali e enfim era todo seu! Ali estava o ouro que faria dele um príncipe do reino! Escalou sem olhar para a direita nem para a esquerda, mas só para cima, por algum tempo, até que chegou à ponta do precipício, onde o vento batia forte. Estava no topo de um elevado penhasco, acima do vale onde ele havia espreitado, vigilante, durante os três últimos dias. Agora tinha de rastejar, pois, lá no alto, era possível avistar um homem a quilômetros de distância, e ele podia enxergar a quilômetros também. O vento era cruel. O santuário abandonado com o poço perto, onde ele havia roubado o alforje, era um ponto vertiginoso lá embaixo. Os três peregrinos já haviam terminado as orações e desaparecido nas dunas, rumo a Medina. Do lado oposto, estendia-se a estrada por onde tinham acabado de vir de Meca. E, se ele voltasse o olhar na direção da vastidão cintilante do oriente, onde ficava a cidade sagrada, daquela grande altitude, seus olhos aguçados teriam avistado a encruzilhada onde as rotas de camelos de Jidá se uniam à estrada dos peregrinos. Se ele tivesse se demorado ali por tempo suficiente para olhar àquela distância, seus olhos teriam se tornado verdes.

Agora, estava vindo uma caravana, resplandecendo ao longe, a um mero farsang de distância. Era de tamanho considerável, mas o Beduíno não tinha tempo para pensar no assunto. Deitado sobre a barriga, deslizava como um lagarto junto à borda do precipício, até chegar a uma estreita garganta de pedras. Ali, se deixou ir descendo, palmo a palmo, tateando em busca de apoio a cada passo, até conseguir chegar à caverna aberta na rocha nua, voltada para o vale. Era uma saliência perigosa, com uma queda a prumo de um lado e um vão raso do outro, no qual o vento se agitava em ondas como um oceano. De lá podia ver o topo do precipício, porém, a menos que a pessoa soubesse para onde olhar, ninguém conseguiria enxergar o interior da caverna. Um passo levaria à morte instantânea e o único caminho para o alto era aquele por onde ele tinha descido. Aquele era o refúgio que ele mantivera em segredo dos bandoleiros. Oculto ali embaixo das rochas estava o pequeno tesouro que vinha guardando para si. Pelo menos, estava seguro! Ninguém poderia encontrá-lo!

Jogou no chão o alforje pesado e abriu-o, rasgando com sofreguidão.

Mas o que era aquilo? Onde estava o tesouro? Durante alguns segundos, o Ladrão balançou de tontura e teve de se escorar na parede da caverna. Não sabia se o murmúrio em seus ouvidos vinha das vozes dentro da cabeça ou do vento lá fora ou de dentro do alforje. Olhou mais de perto. Estava abarrotado de maços, pacotes e rolos, alguns embrulhados em seda e outros, em pergaminho. Todos amarrados em barbantes bonitos, presos por nós muito bem feitos. Ah! Aquele mercador não queria correr o menor risco! Tinha embrulhado toda sua fortuna em pacotes individuais. O Ladrão molhou os lábios rachados com a língua áspera e imaginou bolsas cheias, as joias fabulosas e os lingotes de ouro que haveria dentro daqueles embrulhos feitos com tanto esmero. Enquanto murmurava palavras de amor para sua senhora Fortuna, lutava com os dedos inquietos para desamarrar os nós. As unhas estavam rachadas também, além de pretas e partidas. As mãos estavam esfoladas pelo conhecimento das pedras e não conseguiam desatar aqueles cordões sutis. Por fim, frustrado, usou os dentes, e um dos pacotes se rompeu e abriu.

Seu coração se encolheu, sem conseguir acreditar. O rolo de pergaminho que ele tinha acabado de romper e libertar tombou aberto a seus pés, revelando um rolo de papel, papel azul e requintado, coberto de palavras. Letra fina, delgada, tão fina que parecia os fios de uma teia de aranha aberta contra o espaço translúcido. O que era aquilo? Será que ele conseguiria ler? Não. Desde quando ligava para escritos? Nada! Mas dentro do rolo de papel ele achou uma caixa fina e comprida. Ah, ali estava a promessa talvez, pois estava pintada com requinte. Era coberta de pedras preciosas? Não. Será que era revestida por folhas de ouro, como a preciosa caixa de joias que o líder dera, certa vez, para sua concubina predileta? Não. Era uma caixa de madeira comum, enfeitada com detalhes em laca colorida, e tinha uma abertura corrediça, que abriu! Seu coração palpitava de expectativa quando abriu a tampa, na esperança de afinal descobrir um cordão de pérolas, os diamantes incrustados por dentro.

Mas ficou amargamente decepcionado. Não havia nada na caixa, senão uma coleção de lascas de bambu para escrever. Estavam apontadas e molhadas de tinta, bastante usadas e absolutamente comuns. Era uma caixa de canetas. Na caixa, encontrou também uma faquinha, a faca com a qual provavelmente tinham afiado o bambu, uma faca comum, com um pedaço de vidro embutido no cabo. Mas ela não prometia nada além do que era, pois dificilmente cortaria uma garganta. O único mistério restante ali era um pequeno frasco de um pó preto. Ele cheirou. Sentiu o

paladar e sua língua ficou preta. Era tinta.

Então, o que era tudo aquilo? Canetas? Tinta? Papel rabiscado! Palavras? Sufocado em seu desalento, ele revirou o alforje por dentro. Rolos e embrulhos, nada mais do que rolos e embrulhos, sem dúvida não havia ali outra coisa que não canetas, tinta, papel e palavras. Não admira que o mercador não o tivesse detido! Não admira que tivesse acenado para seu escravo deixar que ele fugisse! O tolo era ele mesmo, um Beduíno cabeça oca. Deixaram que ele fugisse com o que era sem valor, imprestável! Rogando pragas furiosamente, maldizendo a sorte e ferido pela humilhação, o Ladrão se pôs de pé na beira do precipício, cambaleante sob os golpes de suas vozes zombeteiras. Olhou fixamente para os embrulhos remanescentes dentro do alforje, incerto por um momento, sem saber se devia abrir todos ou simplesmente jogar fora. Será que aqueles rolos continham, todos eles, o mesmo lixo? Não haveria ali nenhuma joia? Nenhum lingote de ouro estaria embrulhado naquelas sedas e pergaminhos?

Mas suas vozes eram implacáveis. Como ele poderia ter certeza, sussurravam. Não deveria abrir todos, um por um, por via das dúvidas, antes de jogar fora?

Naquele momento, quando chegou à beira da caverna, suspenso diante do abismo da indecisão, ouviu uma chuva de cascalhos que caíam do alto. Sua raiva tinha cegado seus habituais instintos de cautela. Suas vozes o deixaram surdo para o mundo. Girando a cabeça, viu, no alto do penhasco, acima de si, que ele tinha sido de fato cercado. Lá estavam os bandoleiros que ele havia abandonado! E o líder que ele havia traído!

Será que o estavam seguindo? Como era possível? Teriam mesmo escalado, passo a passo, atrás dele, até acozá-lo naquele local? De que outro modo poderiam saber onde ele estava? Mas não era possível, pois ele teria ouvido alguma coisa, teria visto os bandoleiros lá embaixo! De repente, pareceu que o próprio deserto o havia traído. Tinha conspirado contra ele e revelado a seus inimigos suas trilhas secretas. Havia guiado os bandoleiros até seu esconderijo e deixado que o cercassem, sem que ele soubesse. Nada mais era sagrado e não havia lugar nenhum para onde ir. Num lampejo, compreendeu que ou ia morrer de fome na caverna ou, se tentasse escapar pelo penhasco íngreme, seria apunhalado e morto, na mesma hora, e seu tesouro seria roubado. Nenhuma alternativa, nenhuma liberdade havia restado. A única opção que restara era descer pelo abismo. O Beduíno viu a raiva fria cintilando como uma faca nos olhos do líder e entendeu que, afinal, ele estava encurralado.

Mas, para ele, a ponta daquela faca não era mais afiada do que seu